

Basta de incertezas; o pacto é indispensável

* 4 OUT 1993

GAZETA MERCANTIL

04

Herbert Levy *



Não dá para entender por que o ministro da Fazenda e sua equipe econômica, que têm feito muitas coisas boas, algumas até notáveis, no campo da moralização das estatais e do governo federal tenham deixado de lado a solução do problema da inflação — recessão. Repito e repito sempre: aí está o Pacto de Moncloa, que, na Espanha, resolveu problema idêntico ao que estamos atravessando, salvando a incipiente democracia espanhola do domínio franquista, que ameaçava retornar.

Já relatei como, levado

ao presidente Itamar Franco, pelo seu ministro das Minas e Energia, Paulino Cicero, antigo companheiro de UDN e liderado na Câmara dos Deputados, mereci uma acolhida e aprovação calorosa do chefe do governo. Quando estava pronto para acertar o assunto com as lideranças empresariais e sindicais, fui surpreendido por um desmentido categórico do mesmo presidente, que recusou inexplicavelmente da solução que aprovara como capaz de pôr um fim à crise inflacionária.

O resumo da peça, convém relembrar, era: empresários, governo e sindicalistas reajustarem preços, tarifas de serviços públicos e salários, pela inflação apurada no mês, menos 10%. Ninguém mais apostaria na inflação e a famosa reversão das ex-

pectativas, considerada condição básica para resolver o problema inflacionário, estaria alcançada.

O governo conseguiu, na legislação sobre salários na Câmara dos Deputados, reajustá-los com base na inflação, menos 10%. O governo anuncia agora o seu propósito de reajustar as tarifas abaixo da inflação. Falta apenas conseguir que as lideranças empresariais façam o mesmo com os preços.

E os fundamentos que transformaram o Pacto de Moncloa em êxito sensacional estariam estabelecidos, antes mesmo da reforma tributária que o governo espera conseguir do Congresso.

Falta, pois, formalizar e dar ênfase ao entendimento entre as três partes como capaz de pôr um paradeiro à inflação.

Por que não se lança o ministro Fernando Henrique Cardoso a essa tarefa fundamental? Por que continua ele se desgastando e ao governo, perante a opinião pública brasileira e no plano internacional? Não dá para entender, repetimos.

Um homem lúcido, dinâmico, merecedor de crédito, desgasta-se e ao País desnecessariamente, enquanto não toma, decididamente, o caminho certo.

Lembro mais uma vez que Mário Amato, quando na presidência da FIESP, e Luiz Antônio Medeiros, presidente da Força Sindical, inspirados na mesa-redonda sobre o Pacto de Moncloa que a Gazeta Mercantil promoveu, com a presença em São Paulo dos líderes espanhóis dos vários setores que realizaram a proeza na Espanha, suge-

riram ao governo Collor exatamente isso: que preços, tarifas e salários fossem reajustados mensalmente pela inflação apurada no mês — *menos 10%*. Collor jogou fora inexplicavelmente essa oportunidade de, apesar de tudo, fortalecer-se perante a opinião pública.

Mas não posso crer que este governo, com um homem capaz como Fernando Henrique Cardoso à testa da política econômica, possa igualmente se omitir.

E indispensável, repito, formalizar o entendimento entre as partes e consagrá-lo em definitivo, libertando a Nação desse pesadelo que mina a confiança e submete o País a uma crise intolerável.

* Diretor-responsável da Gazeta Mercantil.